

1 INTRODUÇÃO

Atualmente, a infecção hospitalar tem despertado grande interesse no meio científico, devido a contribuição para a morbimortalidade dos pacientes, e também a relativa simplicidade do procedimento mais importante para o seu controle como a higiene manual.

Para Macedo (2003), vários fatores de risco para a aquisição de infecção hospitalar já foram identificados, tais como a permanência hospitalar do paciente superior a 24 horas, a realização de qualquer procedimento de origem invasiva, e o número reduzido de profissionais de enfermagem por paciente/dia. Este último fator parece influenciar na taxa de infecção hospitalar por propiciar quebra na assepsia dos procedimentos para assistência ao paciente, ou diminuição da higiene manual. O uso de sabão comum e água são suficientes para a higienização das mãos na maioria das instituições.

Destaca-se também a importância do treinamento do enfermeiro com os profissionais da área da saúde, mostrando a eles, como medidas simples, tais como uso correto de equipamentos de proteção individual, higienização das mãos entre um procedimento e outro, assepsia correta, são de grande importância, na prevenção da infecção hospitalar.

Portanto, o controle da infecção hospitalar é um fenômeno que não se restringe apenas ao meio hospitalar, mas, também, a todos os estabelecimentos da área de saúde, nos quais se desenvolvem ações consideradas de risco para o aparecimento das infecções.

A partir do exposto, surgem questionamentos que merecem reflexão como o que é infecção hospitalar, suas causas e prevenções, e a atuação do enfermeiro no controle da infecção hospitalar.

Hipotetiza-se que infecção hospitalar, é aquela adquirida após a internação do paciente, que pode se manifestar durante a internação ou após a alta, desde que seja relacionada com procedimentos hospitalares.

Segundo Pereira (2005), a grande maioria é causada por desequilíbrio da relação entre a microbiota humana normal e os mecanismos de defesa de

hospedeiro, ou seja, podem ocorrer pela própria patologia do paciente, procedimentos invasivos e alteração da população microbiana.

Para Moura et al. (2007), as infecções hospitalares são divididas em dois tipos: as infecções preveníveis, que são as que podem interferir no processo de transmissão, tais como lavagem das mãos corretas, processamento dos artigos e superfícies, utilização de equipamento de proteção individual, e medidas de assepsia. E as infecções não preveníveis, que ocorrem mesmo depois de realizar todas essas medidas e assim constatá-la em pacientes imunologicamente comprometido, originadas a partir de sua microbiota.

O controle da infecção hospitalar deve ser de medida coletiva, destacando-se a atuação do enfermeiro na prática da adesão as medidas de controle e comprometimento com o serviço e o paciente, tais como educação continuada, epidemiologia das infecções medidas de prevenção e controle, a mudança de comportamento, no sentido de racionalizar procedimentos a aprimorar normas e rotinas, realizando palestras, treinamentos, divulgação com sua equipe de saúde.

A partir disso, surgiu o interesse por esse tema, que é de extrema importância, pois o controle da infecção hospitalar é necessário e relevante para o funcionamento de qualquer instituição, sendo realizada por manuseio correto das práticas de prevenção.

O presente estudo encontra-se estruturado em três sessões. No primeiro capítulo, mostra a história da infecção hospitalar, enfocando para seu conceito, tipos de infecção, assim como infecções nosocomiais, infecções cruzadas, infecções comunitárias, infecções endógenas e exógenas, e as infecções preveníveis e não preveníveis.

No segundo capítulo, foi enfatizado os meios de controle da infecção hospitalar, suas causas e fatores de risco, a classificação dos artigos segundo o risco e potencial de contaminação, classificação das áreas hospitalares segundo o risco e potencial de contaminação, profilaxia, comissão de controle de infecção hospitalar (CCIH), e a importância da lavagem das mãos.

No terceiro capítulo foi desenvolvido o tema central do presente estudo, sendo destacado a atuação do enfermeiro no controle da infecção hospitalar. Em seguida encontram-se as considerações finais.

2 OBJETIVOS

2.1 Objetivo Geral

Descrever a importância da atuação do enfermeiro em uma equipe de saúde, no controle da infecção hospitalar.

2.2 Objetivos Específicos

- Caracterizar infecção hospitalar.
- Detalhar as causas da infecção hospitalar.
- Demonstrar a importância do enfermeiro na prevenção da infecção hospitalar.

3 METODOLOGIA

Na elaboração desta pesquisa, será realizado um estudo de caráter exploratório, qualitativo e revisão de literatura. Esta revisão literária apresentara como fontes, livros, artigos, dissertações, monografias, SCIELO e teses. Esses materiais serão conseguidos através de busca pela internet, inclusive em bancos de dados tais como BIREME, e consultas em livros.

O primeiro critério utilizado na busca e seleção de materiais foi a procura de materiais que descreve sobre atuação do enfermeiro no controle da infecção hospitalar, priorizando materiais publicados no período de 1992 a 2010. Durante essa busca serão utilizadas as seguintes palavras-chave, assistência de enfermagem, infecção hospitalar e controle de infecção.

O período de coleta e seleção de materiais será de fevereiro a setembro de 2010. Após a coleta desse material, a opinião dos autores utilizados será avaliada para a elaboração da construção da monografia com as considerações finais do pesquisador.

4 INFECÇÃO HOSPITALAR

4.1 História da Infecção Hospitalar

De acordo com artigos, revistas, teses, de diferentes autores, as infecções existem desde quando surgiram os hospitais, no século XIX. A década de 50 foi marcada pelo início de uma nova era para Infecção Hospitalar. Essas infecções estão relacionadas com o período do paciente dentro de uma instituição ou após a alta recebida, e também pode estar relacionada a procedimentos invasivos realizados de maneira incorreta.

Segundo Silva (2001), afirma que uma das primeiras medidas de controle dessas infecções foi a criação de Comissão de Controle de Infecção Hospitalar (CCIH), sob a recomendação da American Hospital Association, em 1958, com o objetivo de prover os hospitais americanos de um sistema que lhe permitisse apurar as causas de infecções neles adquiridas e dotá-los de instrumentos necessários contra possíveis ações legais movidas pela clientela.

Já no Brasil, um pouco mais tarde, a Comissão de Controle de Infecção Hospitalar foi implantada na década de 60, sendo a primeira instituição, o Hospital Ernesto Dornelles, em Porto Alegre.

A CCIH é um setor responsável pela busca ativa de focos de infecção, composta por equipe multidisciplinar, onde o enfermeiro fica responsável na coleta desses dados.

Uma das complicações mais comuns de pacientes hospitalizados é a infecção hospitalar, especialmente aqueles de maior gravidade, e com uma resistência mais baixa.

Segundo Sousa et al.; (2008);

a Organização Mundial de Saúde (OMS) define saúde como o completo bem estar físico, mental e social e não apenas a ausência de doenças. No entanto, percebe-se que a população, em geral, e até mesmo alguns profissionais da área definem saúde apenas como ausência de doença.

Portanto, a prevenção da Infecção Hospitalar é de grande importância para a saúde pública, tendo em vista que um paciente com infecção gera um custo maior para instituição, e ainda há um aumento de dias no tempo de internação.

De acordo com Oliveira (2001), a Infecção Hospitalar ocorre, em média, entre 5 a 17% dos pacientes internados, é responsável por um aumento médio de 15 dias no tempo de internação, acarretando uma elevação nos custos assistenciais. Além do aumento do tempo de internação e da necessidade de maiores cuidados, que geram aumento dos custos hospitalares, com infecção o paciente pode piorar, não recuperar sua condição prévia ou até mesmo chegar a óbito.

As infecções hospitalares podem aparecer por diversos fatores e existem muitos mecanismos que favorecem seu aparecimento. Um desses, é a transmissão de microrganismos pelos profissionais da área da saúde, que atuam, direta ou indiretamente, na transmissão de microrganismos patogênicos em pacientes vulneráveis.

4.2 Infecções Nosocomiais

As infecções nosocomiais são aquelas adquiridas pelo paciente durante a hospitalização, com confirmação do diagnóstico, pela evidência clínica ou laboratorial. Elas podem tornar-se aparentes até depois de o paciente sair do hospital, ou seja, a infecção hospitalar nosocomial é aquela que aparece nas primeiras 24 horas após a alta hospitalar ou após 24 horas na internação.

4.3 Infecções Comunitárias

São as infecções apresentadas após as 24 horas da alta hospitalar, ou nas primeiras 24 horas da internação.

De acordo com Brasil (1992), na portaria nº 930, também são consideradas infecções comunitárias aquelas associadas a complicações ou extensão da infecção já existente na admissão, a menos que haja troca de microrganismos ou sinais ou

sintomas fortemente sugestivos da aquisição de nova infecção. Para Brasil (1998) a portaria 2616, afirma que, o diagnóstico de infecção hospitalar é realizado, quando na mesma topografia em que foi diagnosticado infecção comunitária, for isolado um germe diferente, seguido do agravamento das condições clínicas do paciente, ou se desconhecer o período de incubação do microrganismo.

4.4 Infecções Endógenas

Chamamos de microrganismo de flora resistente, todo microrganismo que habita desde o nascimento de um indivíduo e permanece nela durante toda sua existência. Portanto, diante de uma imunidade diminuída ou um estado de susceptibilidade, eles podem se tornar oportunistas e infectar um paciente. Este tipo de infecção causada pela microbiota normal do paciente, ou seja, a auto infecção, é chamada de Infecção Hospitalar Endógena.

Bolick (2002) afirma que “[...] os microrganismos endógenos são encontrados na pele e nas secreções corporais como saliva, fezes e escarro. Nos hospedeiros suscetíveis, esses micróbios podem causar doenças.”

Segundo Kunzle (2002), a maioria das infecções é de origem endógena, lembrando também, o grande número de infecções através de práticas iatrogênicas decorrentes de mitos ou rituais, que são crenças baseadas em tradições e não em fatos, é uma forma oposta a do pensamento lógico e científico.

4.5 Infecções Exógenas

Denominamos de Infecção Hospitalar Exógena, aquela adquirida da flora de outro paciente, transmitida por contato, direto, indireto ou por perdigotos.

Segundo Bolick (2002);

[...] os microrganismos exógenos originam-se de fontes externas ao corpo. Em geral os seres humanos e os micróbios exógenos vivem juntos em

harmonia. Contudo, se algum fator perturbar essa relação harmônica, os micróbios podem causar infecção.

A transmissão por contato direto, e através de um contato físico real, de um indivíduo para o outro. A transmissão indireta ocorre naquela paciente suscetível em contato com objeto contaminado. E na transmissão por perdigotos, acontece por contato com secreções respiratórias contaminadas.

É importante ressaltar que na transmissão das IHS, os microrganismos são passados de um indivíduo para as mãos dos profissionais, esses devem sobreviver por pelo menos alguns minutos nas mãos dos profissionais, em seguida, é de extrema importância a higienização correta das mãos, evitando assim a transmissão por contato direto ou indireto, não acontecendo assim a infecção cruzada.

4.6 Infecções Preveníveis

Segundo Santos (2008), infecções preveníveis são as infecções hospitalares em que podem interferir no processo de transmissão tais como higienização das mãos corretas, assepsia de equipamentos e superfícies, utilização de equipamentos de proteção individual, anti-sepsia.

4.7 Infecções Não Preveníveis

Para Pereira (2005), infecções não preveníveis são as infecções hospitalares, que ocorrem mesmo depois de realizado todas as técnicas corretas e medidas de prevenções, constatando em pacientes imunodeprimidos, originando assim, de sua microbiota.

4.8 Infecções Cruzadas

A microbiota das mãos tem uma sobrevivência muito curta, porém são elas as responsáveis pela maioria das infecções hospitalares. Elas são de mais fáceis

remoções, com a simples higienização das mãos, antes e após o contato com o paciente, após calçar ou retirar as luvas, entre um paciente e outro, entre um procedimento e outro, ou após o contato com sangue, secreções, líquido corporal artigos ou equipamentos contaminados.

Contudo podemos evitar a infecção cruzada, que é conhecida por aquela infecção transmitida de um paciente para outro dentro de um hospital, através de equipamentos e materiais utilizados em vários pacientes onde deveriam ser individualizados.

Para Neves (2009), afirma que a higienização das mãos é uma medida eficaz de prevenção da transmissão cruzada de microrganismos, e apesar da relativa simplicidade deste procedimento, ainda se observam uma forte resistência em sua adesão após o cuidado do paciente por parte dos profissionais de saúde.

Sendo assim, a Infecção Hospitalar, é acima de tudo um dever para todos, principalmente para equipe de saúde juntamente com a Comissão de Controle de Infecção Hospitalar de uma instituição, onde se destaca a grande importância de treinamentos do enfermeiro com os outros profissionais de saúde, porém de nada adianta o trabalho isoladamente, pois isso é uma prevenção em que todos tem que caminhar juntos.

Segundo Pereira (2005), não adianta o conhecimento do fenômeno e das medidas preventivas, se quem presta assistência não as adota no seu fazer profissional para evitar o processo infeccioso.

5 COMO CONTROLAR A INFECÇÃO HOSPITALAR

Para Bolick (2002), “saber como a infecção ocorre pode ajudar a evitar ou controlar sua disseminação. Para entender melhor a transmissão das infecções é conveniente considerá-la como uma cadeia de seis elos fundamentais.”

A seguir, exemplificamos com um organograma da cadeia infecciosa.

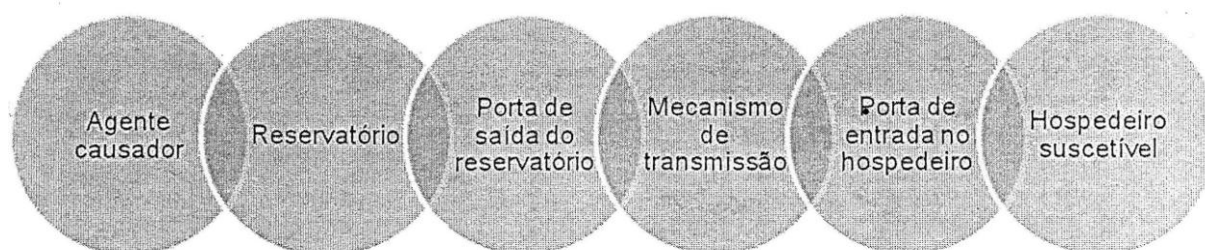


Figura 1: Organograma da cadeia infecciosa.

Fonte: BOLICK, 2000, p.94

5.1 Causas da IH

A maioria delas são causadas por um desequilíbrio entre a microbiota normal e os mecanismos de defesa do paciente. Isto pode ocorrer devido a própria patologia do paciente, por procedimentos invasivos ou por alterações da população microbiana, geralmente induzida pelo uso indiscriminado de antibióticos.

Portanto, Aguiar et al.; (2007) afirma que “[...] o risco de adquirir infecções é determinado pela susceptibilidade do cliente. Ele pode ser inerente a determinadas condições clínicas responsáveis pela hospitalização induzida por procedimentos hospitalares.”

5.2 Fatores de risco

Segundo Castro (2009), afirma que vários fatores para IH já foram identificados, tais como obesidade, tabagismo, diabetes mellitus, uso de corticóides, desnutrição, tempo de internação, gravidade da patologia.

Para Proveda (2003) acrescenta alguns outros fatores que ele acredita estar relacionado a fatores de risco, como idade, e também procedimentos invasivos, como drenos, técnicas cirúrgicas, pois além da imunodepressão ocasionada pela anestesia, e os procedimentos pelos quais foi submetido, ainda há o manuseio pela equipe durante o procedimento.

5.3 Classificações de artigos segundo o Risco e Potencial de Contaminação

Os materiais utilizados em hospitais são classificados, baseados nos riscos potenciais de transmissão de infecções para o paciente. Essa classificação é dividida em materiais críticos, semi críticos, e não críticos.

5.3.1 Materiais críticos

Segundo Brasil (2000), são classificados materiais críticos os “[...] destinados aos procedimentos invasivos em pele e mucosas adjacentes, nos tecidos subepiteliais e no sistema vascular, bem como todos os que estejam diretamente conectados com este sistema.” Esses materiais, devido ao grande índice de infecção, eles devem ser sempre esterilizados, e ou desprezados quando não for reprocessado.

Podemos exemplificar como materiais críticos as agulhas, lâmina de bisturi, instrumental cirúrgico, dentre outros.



Figura 2: Instrumental Cirúrgico

5.3.2 Materiais semi críticos

Conforme Zorze et al.; (2008) classifica materiais semi críticos como aqueles que entram em contato direto com tecidos, mucosas e pele íntegra, sem, entretanto, cortá-los ou perfurá-los, eles requerem desinfecção de médio ou se alto nível ou esterilização. Cânula, equipamentos respiratórios e endoscópios são exemplos de materiais semi críticos.



Figura 3: Endoscópio

5.3.3 Materiais não críticos

Segundo Zorze et al.; (2008) são os artigos que não entram em contato direto com tecidos, eles entram em contato com pele íntegra mais não com mucosas e também os que não entram em contato direto com o paciente, requerem limpeza ou desinfecção de baixo ou médio nível, dependendo do uso a que se destinam ou do último uso realizado.

Os exemplos de matérias não críticos são os aparelhos de pressão arterial, bacias utilizadas em banho de leito, cuba rim, roupas de cama do paciente.



Figura 4: Aparelho de Pressão Arterial

5.4 Classificações das áreas hospitalares segundo o Risco e Potencial de Contaminação

Assim como os materiais, as áreas dos hospitais são classificadas, considerando seu risco de infecção, sendo classificadas em áreas críticas, semi críticas e não críticas.

5.4.1 Área crítica

É aquela onde o risco para adquirir uma infecção é maior, devido à presença de pacientes mais suscetíveis, ou pelo número maior de procedimentos invasivos, como exemplo, CTI, banco de sangue.

5.4.2 Área semi crítica

É aquela onde os pacientes ocupados, não necessitam de cuidados intensivos ou de isolamento, por exemplo, enfermarias, ambulatórios.

5.4.3 Área não crítica

É a área não ocupada por pacientes, como por exemplo, a área administrativa. Sendo assim, podemos observar que as áreas dos hospitais estão diretamente ligadas na possibilidade do aumento da IH.

5.5 Profilaxia

Mesmo sabendo que a maioria das IHs são inevitáveis, mesmo em pacientes que são imunossuprimidos, a realização de uma profilaxia correta, é capaz de reduzir os níveis de IH. Em consequência disso, destacam-se algumas medidas profiláticas que devem ser usadas pelos profissionais de saúde.

Segundo Barreto (2009);

a HM deve ocorrer antes e após o contato com o cliente, antes de calçar as luvas e após retirá-las, entre um cliente e outro, entre um procedimento e outro, ou em ocasiões onde possa existir transferência de patógenos para cliente e/ou ambientes, entre procedimentos com o mesmo cliente e após o contato com sangue, líquido corporal, secreções, excreções e artigos ou equipamentos contaminados.

Portanto, na cadeia de transmissão da IH, para que ela ocorra, os seis componentes, devem estar presentes, ou seja, eliminando qualquer um, evitará a contaminação. Abaixo, um exemplo da cadeia de transmissão, e as possíveis intervenções que podem ser adotadas pelos profissionais da saúde.

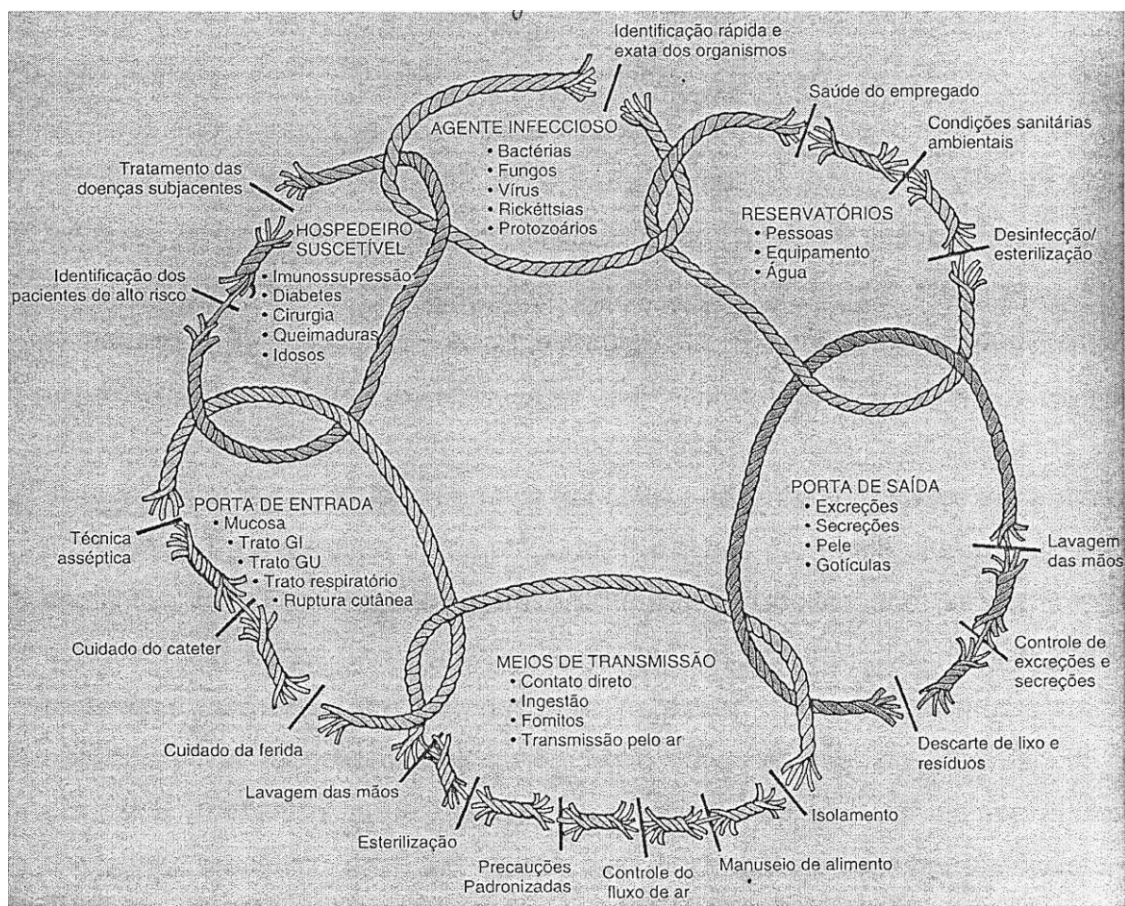


Figura 5: Intervenções de profissionais de saúde para quebrar a cadeia de transmissão da infecção.

Fonte: SMELTZER, BARE, 2005, p.2240.

5.6 Comissão de Controle de Infecção Hospitalar (CCIH)

Entende-se que a CCIH, é de extrema importância, tanto na prevenção de IH, como também na proteção de um hospital. É neste setor, que se arquivam os documentos para comprovação de legalidade, rotinas, e protocolos de tratamentos efetivados ao paciente, e também a estatística onde se tem o índice de IH.

Segundo Brasil (1998) a portaria 2616, todos os hospitais devem possuir uma CCIH, com um grupo de profissionais da área da saúde, preparado para elaborar, planejar, implementar, manter e avaliar o Programa de controle de IH.

A referida portaria também afirma que é função da CCIH, detectar casos de IH, seguindo critérios de diagnósticos estabelecidos, conhecer as principais IHS

apresentadas no hospital, e definir se a ocorrência dessas infecções, estão nos parâmetros aceitáveis, apresentar normas que padronizam que os procedimentos realizados na instituição sigam uma técnica asséptica correta, realizar treinamentos com todos os profissionais da área da saúde, controlar as prescrições de antibióticos, evitando assim, que os mesmos sejam utilizados de maneira incorreta, e recomendar isolamentos dos pacientes com doenças transmissíveis.

5.7 Controle da Infecção Hospitalar

Como meio de controle de IH, as instituições devem utilizar a limpeza, esterilização e desinfecção de artigos e anti sepsia. Após o procedimento, todo objeto que entra em contato com o paciente deve ser rigorosamente descontaminado, sendo assim, primeiramente lavados, posteriormente realiza um processo onde o microrganismo é inativado ou morto, e depois é feita a esterilização e o armazenamento.

5.7.1 Limpeza

Segundo Bolick (2002), em geral é feita com água e sabão, onde é retirada toda sujeira e detritos, ela reduz a quantidade de microrganismos, portanto, eles não são destruídos. “Os equipamentos devem estar limpos, antes da desinfecção ou esterilização.”

5.7.2 Esterilização

Neste processo, todas as bactérias, fungos e vírus são destruídos na aplicação de agentes físicos e químicos, não sendo possível detectar vida em seus meios de cultura.

Segundo Moriya (2008), os agentes físicos são considerados o calor úmido, calor seco, radiação e filtração. O calor úmido, na forma de vapor saturado sob pressão e o calor seco, realizados em estufas elétricas, a radiação, utilizada em artigos termosensíveis, e por fim a filtração, que elimina mecanicamente os microrganismos, por um filtro microbiológico.

O agente químico, que são encontrados em forma líquida e gasosa, que são aldeídos, hipoclorito de sódio, óxido etileno, entre outros.

5.7.3 Desinfecção

É realizada em objetos inanimados, com o objetivo de eliminar ou destruir todos os microrganismos na forma vegetativa, portanto alguns apresentam maior resistência, sendo assim a tabela abaixo exemplifica tais microrganismos.

Tabela 1- Ordem decrescente de Resistência a Germicidas Químicos

Nível de Germicida	Descrição	Exemplo
Alto nível	Onde ocorre destruição de microrganismo mais resistente, com exceção de esporos bacterianos.	Aldeídos e Ácido Peracético.
Nível intermediário	Onde ocorre inativação de bactérias vegetativas, a maioria dos vírus, fungos, e microbactérias da tuberculose, porém não de esporos.	Álcool, hipoclorito de sódio a 1% cloro orgânico, fenol sintético, monopersulfato de potássio e associações.
Baixo nível	Onde ocorre a destruição de bactérias e vírus menos resistentes - não mantém esporos.	Quaternário de amônia e hipoclorito de sódio 2%

Fonte: ZORZE et al, 2008, p. 161.

5.7.4 Anti-sepsia

São soluções com ação inibitória de reprodução microbiana, de baixa causticidade e são hipoalergênicas, próprias para serem aplicadas em pele e mucosas.

Para Moriya (2008), as principais soluções utilizadas em hospitais são álcool 70% glicerinado, álcool 70% a 92%, PVPI degermante 10%, PVPI tópico 1 a 10%, cloro orgânico, clorexidina 2%, glutaraldeído, desencrostante, sabão líquido, peróxido de hidrogênio, ácido peracético, fenol sintético, fenol 4%.

Segundo Bolick (2002), 30% das IH poderiam ser evitadas através da lavagem cuidadosa das mãos pelos profissionais de saúde antes e depois de entrarem em contato com líquidos corporais.

5.8 Importância da higienização das mãos no controle da IH

A higienização das mãos é mais simples e importante medida de controle da IH, elas são as principais vias de transmissão de infecção, portanto, destaca a grande importância de uma assepsia correta, entre um procedimento e outro.



Figura 6: Áreas de contaminação das mãos devido a uso errado da técnica de higienização.

Fonte: www.saudepublica.web.pt

6 ATUAÇÃO DO ENFERMEIRO NO CONTROLE DA INFECÇÃO HOSPITALAR

O enfermeiro tem um papel muito importante, sendo considerado, a peça fundamental no controle da infecção hospitalar. Podemos destacar algumas atribuições, como função de um enfermeiro, tais como, fazer uma visita rotineira no hospital, para detectar algum problema, elaborar planos de limpeza, treinamentos com os outros funcionários da instituição, ensinando a importância da higienização das mãos, não deixar faltar materiais para a eficácia dos procedimentos, desinfecção e esterilização da unidade, dentre outras.

Segundo Lacerda (2009);

na literatura, o papel do enfermeiro é preconizado em quatro áreas, a saber: administrativa, assistencial, ensino e pesquisa, no papel administrativo, o enfermeiro realiza o planejamento, a organização, a direção e o controle das atividades desenvolvidas nesta unidade. No papel assistencial, elabora um plano de cuidados, utilizando metodologia científica para prestar assistência individualizada e o papel de ensino é relevante porque estimula o enfermeiro a buscar conhecimento para propiciar o aperfeiçoamento da equipe de enfermagem. Como pesquisador, ou seja, em equipe, poderá demonstrar a diferença que existe entre uma assistência que deriva da utilização de conhecimento científico comparada ao cuidado prestado, orientando para o cumprimento de tarefas, normas e rotinas.

Entretanto, o enfermeiro deve estar bastante atento ao ambiente que trabalha, visto que ele está voltado para os quatro cantos, que estão diretamente ligados ao controle das IH, tendo em vista, que o risco de adquirir uma IH, não está somente ligado à internação, e nem só com procedimentos de maior complexidade, esse risco, acontece diante de qualquer procedimento, independente de ser maior ou de menor complexidade.

É de extrema importância para o controle da infecção hospitalar, ser implantado dentro de uma instituição a Comissão de Controle da Infecção Hospitalar, que é composta por profissionais da enfermagem e administrativa, no qual ficam responsáveis de elaborar um programa de prevenção, controle e assistência das IH.

Portanto, é importante avaliar se alguma infecção estava em período de incubação no momento em que o paciente foi admitido, e registrar essa, sendo

como uma infecção comunitária, adquirida fora da instituição, da mesma forma que, se um paciente interna novamente com uma IH, que foi causado pela hospitalização anterior, esta é classificada e registrada como uma infecção hospitalar.

Segundo Brasil (1998), a portaria 2616/1998 do Ministério da Saúde, todos os hospitais devem ter uma Comissão de Controle de Infecção Hospitalar. Ela é o principal meio de combate das Infecções Hospitalares.

Existem vários meios de prevenção de IH, dentre eles, incluem-se o isolamento de doenças transmissíveis, medidas específicas para cada sítio de infecção, e o mais simples, porém o mais importante procedimento, a lavagem correta das mãos.

Segundo Souza (2008) são essas as estratégias no combate no controle da infecção hospitalar:

(..) estrutura organizacional que envolve políticas governamentais, institucionais e administrativas, relações interpessoais e intersetoriais, no trabalho e na normalização do serviço; batalha biológica que aborda a identificação de novos microrganismos a ressurgência de outros, bem como a resistência aos antimicrobianos; envolvimento profissional, adesão as medidas de controle e o comprometimento com o serviço e o paciente; capacitação profissional, destacando-se a educação continuada, epidemiologia das infecções; medidas de prevenção e controle.

Contudo, o enfermeiro, deve incluir a educação na saúde, vivenciar valores, identificar problemas, propor soluções, e promover medidas de prevenção e controle da infecção hospitalar. É importante ressaltar que o controle de infecção hospitalar, é de responsabilidade do enfermeiro e equipe multiprofissional.

Segundo Pereira (2005);

Observamos, com frequência, a concepção dos profissionais de que o controle de IH é de responsabilidade das CCIH, dessa forma se excluem da sua responsabilidade pessoal, conferindo um super poder às comissões, que de fato, isoladamente, pouco podem fazer. Por outro lado, esta visão confere aos integrantes da comissão uma condição de superioridade, uma vez que é conhecida muito mais como fiscalizadora das medidas instituídas para o controle, do que parceiros que devem caminhar juntos nesta construção de uma nova práxis no controle de IH, que necessariamente deve ser coletiva.

O trabalho em equipe se torna primordial no controle da infecção hospitalar, onde uma equipe multiprofissional busca focos de possíveis infecções para serem eliminados dentro das instituições de saúde.

7 Considerações Finais

A partir da realização do presente estudo, ficou evidente que a infecção hospitalar, é aquela adquirida após sua hospitalização, em qualquer estabelecimento da área da saúde, onde, qualquer pessoa está suscetível ao risco de adquiri-la.

Embora muitas infecções hospitalares sejam inevitáveis, especificamente quando o paciente esta susceptível ate a própria flora, uma profilaxia adequada é capaz de diminuir os níveis IH. Portanto as precauções por parte da equipe de saúde minimizam principalmente as infecções cruzadas.

Ressalta-se também a importância da implantação da comissão de controle de infecção hospitalar, em toda instituição de saúde, atuando no controle da IH, onde será realizada uma busca ativa diária de dados que possibilita uma estratégia de ações educativas para promoção da saúde e eliminação de focos de infecção.

Sendo assim, ficou claro, que o enfermeiro é primordial, no controle da IH, ele tem que estar atento em tudo que acontece em sua instituição, promover educação continuada com seus funcionários, fazendo assim, com que o índice de infecção hospitalar reduza.

Anexo I

MINISTÉRIO DA SAÚDE
Gabinete do Ministro
Portaria nº 2.616, de 12 de maio de 1998

O Ministro de Estado da Saúde, Interino, no uso das suas atribuições que lhe confere o art. 87, inciso II da Constituição, e considerando as infecções hospitalares constituem risco significativo à saúde dos usuários dos hospitais, e sua prevenção e controle envolvem medidas de qualificação da assistência hospitalar, de vigilância sanitária e outras, tomadas no âmbito do Estado, do Município e de cada hospital, atinentes ao seu funcionamento;

Considerando que o Capítulo I art. 5º e inciso III da Lei nº 8.080 de 19 de setembro de 1990, estabelece como objetivo e atribuição do Sistema Único de Saúde (SUS), “a assistência às pessoas por intermédio de ações de promoção, proteção e recuperação da Saúde com a realização integrada das ações assistenciais e das atividades preventivas”,

Considerando que no exercício da atividade fiscalizadora os órgãos estaduais de saúde deverão observar, entre outros requisitos e condições, a adoção, pela instituição prestadora de serviços, de meios de proteção capazes de evitar efeitos nocivos à saúde dos agentes, clientes, pacientes e dos circunstantes (Decreto nº 77.052, de 19 de janeiro de 1976, art. 2º, inciso IV);

Considerando os avanços técnico-científico, os resultados do Estudo Brasileiro da Magnitude das Infecções hospitalares. Avaliação da Qualidade das Ações de Controle de Infecção Hospitalar, o reconhecimento mundial destas ações como as que implementam a melhoria da qualidade da assistência à Saúde, reduzem esforços, problemas, complicações e recursos;

Considerando a necessidade de informações e instrução oficialmente constituída para respaldar a formação técnico-profissional, resolve:

Art. 1º Expedir, na forma dos anexos I, II, III, IV, e V, diretrizes e normas para a prevenção e o controle das infecções hospitalares.

Art. 2º As ações mínimas necessárias, a serem desenvolvidas, deliberada e sistematicamente, com vistas à redução máxima possível da incidência e da gravidade das infecções dos hospitais, compõem o Programa de Controle de Infecções Hospitalares.

Art. 3º A secretaria de Política de Saúde, do Ministério da Saúde, prestará cooperação técnica às Secretarias Estaduais e Municipais de Saúde, a fim de orientá-las sobre o exato cumprimento e interpretação das normas aprovadas por esta Portaria.

Art. 4º As Secretarias Estaduais e Municipais de Saúde poderão adequar as normas conforme prevê a Constituição da República Federativa do Brasil de 1988.

Art. 5º A inobservância ou o descumprimento das normas aprovadas por esta Portaria sujeitará o infrator ao processo e às penalidades previstas na Lei nº 6.437, de 20 agosto de 1977, ou outra que a substitua, com encaminhamento dos casos ou ocorrências ao Ministério Público e órgãos de defesa do consumidor para aplicação da legislação pertinente (Lei nº 8.078/90 ou outra que a substitua).

Art 6º Este regulamento deve ser adotado em todo território nacional, pelas pessoas jurídicas e físicas, de direito público e privado envolvidas nas atividades hospitalares de assistência à saúde.

Art 7º Esta Portaria entrará em vigor na data de sua publicação.

Art 8º Fica revogada a Portaria nº 930, de 27 de agosto de 1992.

Barjas Negri

Programa de Controle de Infecção Hospitalar

ANEXO I

ORGANIZAÇÃO

1. O Programa de Controle de Infecção Hospitalares (PCIH) é um conjunto de ações desenvolvidas deliberada e sistematicamente, com vistas à redução máxima possível da incidência e da gravidade das infecções hospitalares.

2. Para a adequada execução do PCIH, os hospitais deverão constituir Comissão de Controle de Infecção Hospitalar (CCIH), órgão de assessoria à autoridade máxima da instituição e de execução das ações de controle de infecção hospitalar.

2.1 A CCIH deverá ser composta por profissionais da área de saúde, de nível superior, formalmente designados.

2.2 Os membros da CCIH serão de dois tipos: consultores e executores.

2.2.1 O presidente ou coordenador da CCIH será qualquer um dos membros da mesma, indicado pela direção do hospital.

2.3 Os membros consultores serão representantes, dos seguintes serviços:

2.3.1 serviço médico;

2.3.2 serviço de enfermagem;

2.3.3 serviço de farmácia;

2.3.4 laboratório de microbiologia;

2.3.5 administração.

2.4 Os hospitais com número de leitos igual ou inferior a 70 (setenta) atendem os números 2.3.1 e 2.3.2.

2.5 Os membros executores da CCIH representam o Serviço de Controle de Infecção hospitalar e, portanto, são encarregados da execução programada de controle de infecção hospitalar;

2.5.1. Os membros executores serão, no mínimo, 2 (dois) técnicos de nível superior da área de saúde para cada 200 (duzentos) leitos ou fração deste número com carga horária diária, mínima, de 6 (seis) horas para o enfermeiro e 4 (quatro) horas para os demais profissionais.

2.5.1.1. - Um dos membros executores deve ser, preferencialmente, um enfermeiro.

2.5.1.2. - A carga horária diária, dos membros executores, deverá ser calculada na base da proporcionalidade de leitos indicado no número 2.5.1.

2.5.1.3. - Nos hospitais com leitos destinados a paciente críticos, a CCIH deverá ser acrescida de outros profissionais de nível superior da área de saúde. Os membros executores terão acrescidas 2 (duas) horas semanais de trabalho para cada 10 (dez) leitos ou fração.

2.5.1.3.1. Para fins desta Portaria, consideram-se pacientes críticos:

2.5.1.3.1.1. pacientes de terapia intensiva (adulto, pediátrico e neonatal);

2.5.1.3.1.2. pacientes de berçário de alto risco;

2.5.1.3.1.3. pacientes queimados;

2.5.1.3.1.4. pacientes submetidos a transplantes de órgãos;

2.5.1.3.1.5. pacientes hemato-oncológicos;

2.5.1.3.1.6. pacientes com Síndrome da Imunodeficiência Adquirida.

2.5.1.4 - Admite-se, no caso do número 2.5.1.3., o aumento do número de profissionais executores na CCIH, ou a relativa adequação de carga horária de trabalho da equipe original expressa no número 2.5.1;

2.5.1.5 - Em hospitais com regime exclusivo de internação tipo paciente-dia, deve-se atender aos números 2.1, 2.2 e 2.3, e com relação ao número 2.5.1., a carga de trabalho dos profissionais será de 2 (duas) horas diárias para o enfermeiro e 1 (uma) hora para os demais profissionais, independente do número de leitos da instituição.

2.5.1.6 - Os hospitais poderão consorciar-se no sentido da utilização recíproca de recursos técnicos, materiais e humanos, com vistas à implantação e manutenção do Programa de Controle da infecção Hospitalar.

2.5.1.7 - Os hospitais consorciados deverão constituir CCIH própria, conforme os números 2 e 2.1, com relação aos membros consultores, e prover todos os recursos necessários à sua atuação.

2.5.1.8 - O consórcio deve ser formalizado entre os hospitais componentes. Os membros executores, no consórcio, devem atender aos números 2.5.1, 2.5.1.1, 2.5.1.2, 2.5.1.3 e 2.5.1.4.

COMPETÊNCIAS

3. A CCIH do hospital deverá:

3.1 elaborar, implementar, manter e avaliar programa de controle de infecção hospitalar, adequado às características e necessidades da instituição, contemplando no mínimo, ações relativas a:

3.1.1 implantação de um Sistema de Vigilância Epidemiológica das Infecções Hospitalares, de acordo com o Anexo III;

3.1.2 adequação, implementação e supervisão das normas e rotinas técnico-operacionais, visando a prevenção e controle das infecções hospitalares;

3.1.3 capacitação do quadro de funcionários e profissionais da instituição, no que diz respeito à prevenção e controle das infecções hospitalares;

3.1.4 uso racional de antimicrobianos, germicidas e materiais médico-hospitalares;

3.2 avaliar, periódica e sistematicamente, as informações providas pelo Sistema de Vigilância Epidemiológica das infecções hospitalares e aprovar as medidas de controle propostas pelos membros executores de CCIH;

3.3 realizar investigação epidemiológica de casos e surtos, sempre que indicado, e implantar medidas imediatas de controle;

3.4 elaborar e divulgar, regularmente, relatórios e comunicar, periodicamente, à autoridade máxima de instituição e às chefias de todos os setores do hospital, a situação do controle das infecções hospitalares, promovendo seu amplo debate na comunidade hospitalar;

3.5 elaborar, implantar e supervisionar a aplicação de normas e rotinas técnico-operacionais, visando limitar a disseminação de agentes presentes nas infecções em curso no hospital, por meio de medidas de precaução e de isolamento;

3.6 adequar, implementar e supervisionar a aplicação de normas e rotinas técnico-operacionais, visando à prevenção e ao tratamento das infecções hospitalares;

3.7 definir, em cooperação com a Comissão de Farmácia e Terapêutica, política de utilização de antimicrobianos, germicidas e materiais médico-hospitalares para a instituição;

3.8 cooperar com o setor de treinamento ou responsabilizar-se pelo treinamento, com vistas a obter capacitação adequada do quadro de funcionários e profissionais, no que diz respeito ao controle das infecções hospitalares;

3.9 elaborar regimento interno para a Comissão de Controle de Infecção Hospitalar;

3.10 cooperar com a ação do órgão de gestão do SUS, bem como fornecer, prontamente, as informações epidemiológicas solicitadas pelas autoridades competentes;

3.11 notificar, na ausência de um núcleo de epidemiologia, ao organismo de gestão do SUS, os casos diagnosticados ou suspeitos de outras doenças sob vigilância epidemiológica (notificação compulsória), atendidos em qualquer dos serviços ou unidades do hospital, e atuar cooperativamente com os serviços de saúde coletiva;

3.12 notificar ao Serviço de Vigilância Epidemiológica e Sanitária do organismo de gestão do SUS, os casos e surtos diagnosticados ou suspeitos de infecção associadas à utilização de insumos e/ou produtos industrializados.

4. Caberá à autoridade máxima da instituição:

4.1 constituir formalmente a CCIH;

4.2 nomear os componentes da CCIH por meio de ato próprio;

4.3 propiciar a infra-estrutura necessária à correta operacionalização da CCIH;

4.4 aprovar e fazer respeitar o regimento interno da CCIH;

4.5 garantir a participação do Presidente da CCIH nos órgãos colegiados deliberativos e formuladores de política da instituição, como, por exemplo, os conselhos técnicos, independente da natureza da entidade mantenedora da instituição de saúde;

4.6 garantir o cumprimento das recomendações formuladas pela Coordenação Municipal, Estadual/Distrital de Controle de Infecção Hospitalar;

4.7 Informar o órgão oficial municipal ou estadual quanto à composição da CCIH e às alterações que venham a ocorrer;

4.8 fomentar a educação e o treinamento de todo o pessoal hospitalar.

5. À Coordenação de Controle de Infecção Hospitalar do Ministério da Saúde, compete:

5.1 definir diretrizes de ações de controle de infecção hospitalar;

5.2 apoiar a descentralização das ações de prevenção e controle de infecção hospitalar;

5.3 coordenar as ações nacionais de prevenção e controle de infecção hospitalar;

5.4 estabelecer normas gerais para a prevenção e controle das infecções hospitalares;

5.5 estabelecer critérios, parâmetros e métodos para o controle de infecção hospitalar;

5.6 promover a articulação com órgãos formadores, com vistas à difusão do conteúdo de conhecimento do controle de infecção hospitalar;

5.7 cooperar com a capacitação dos profissionais de saúde para o controle de infecção hospitalar;

5.8 identificar serviços municipais, estaduais e hospitalares para o estabelecimento de padrões técnicos de referência nacional;

5.9 prestar cooperação técnica, política e financeira aos Estados e aos Municípios, para aperfeiçoamento da sua atuação em prevenção e controle de infecção hospitalar;

5.10 acompanhar e avaliar as ações implementadas, respeitadas as competências estaduais/distrital e municipais de atuação, na prevenção e controle das infecções hospitalares;

5.11 estabelecer sistema nacional de informações sobre infecção hospitalar na área de vigilância epidemiológica;

5.12 estabelecer sistema de avaliação e divulgação nacional dos indicadores da magnitude e gravidade das infecções hospitalares e da qualidade das ações de seu controle;

5.13 planejar ações estratégicas em cooperação técnica com os Estados, Distrito Federal e os Municípios;

5.14 acompanhar, avaliar e divulgar os indicadores epidemiológicos de infecção hospitalar.

6. Às Coordenações Estaduais e Distrital de Controle de Infecção Hospitalar, compete:

6.1 definir diretrizes de ação estadual/distrital, baseadas na política nacional de controle de infecção hospitalar;

6.2 estabelecer normas, em caráter suplementar, para a prevenção e controle de infecção hospitalar;

6.3 descentralizar as ações de prevenção e controle de infecção hospitalar dos Municípios;

6.4 prestar apoio técnico, financeiro e político aos municípios, executando, supletivamente, ações e serviços de saúde, caso necessário;

6.5 coordenar, acompanhar, controlar e avaliar as ações de prevenção e controle de infecção hospitalar do Estado e Distrito Federal;

6.6 acompanhar, avaliar e divulgar os indicadores epidemiológicos de infecção hospitalar;

6.7 informar, sistematicamente, à Coordenação de Controle de Infecção Hospitalar, do Ministério da Saúde, a partir da rede distrital, municipal e hospitalar, os indicadores de infecção hospitalar estabelecidos.

7. Às Coordenações Municipais de Controle de Infecção Hospitalar, compete:

7.1 coordenar as ações de prevenção e controle de infecção hospitalar na rede hospitalar do Município;

7.2 participar do planejamento, da programação e da organização da rede regionalizada e hierarquizada do SUS, em articulação com a Coordenação Estadual de controle de infecção hospitalar;

7.3 colaborar e acompanhar os hospitais na execução das ações de controle de infecção hospitalar;

7.4 prestar apoio técnico às CCIH dos hospitais;

7.5 informar, sistematicamente, à Coordenação Estadual de controle de infecção hospitalar do seu Estado, a partir da rede hospitalar, os indicadores de infecção hospitalar estabelecidos.

Programa de Controle de Infecção Hospitalar

ANEXO II

CONCEITOS E CRITÉRIOS DIAGNÓSTICOS DAS INFECÇÕES HOSPITALARES

1. Conceitos básicos.

1.1 Infecção comunitária (IC):

1.1.1 é aquela constatada ou em incubação no ato de admissão do paciente, desde que não relacionada com internação anterior no mesmo hospital.

1.1.2 São também comunitárias:

1.1.2.1 a infecção que está associada com complicação ou extensão da infecção já presente na admissão, a menos que haja troca de microrganismos com sinais ou sintomas fortemente sugestivos da aquisição de nova infecção;

1.1.2.2 a infecção em recém-nascido, cuja aquisição por via transplacentária é conhecida ou foi comprovada e que tornou-se evidente logo após o nascimento (exemplo: herpes simples, toxoplasmose, rubéola, citomegalovirose, sífilis e AIDS);

1.1.2.3 As infecções de recém-nascidos associadas com bolsa superior e 24 (vinte e quatro) horas.

1.2. Infecção hospitalar (IH):

1.2.1 é aquela adquirida após a admissão do paciente e que se manifeste durante a internação ou após a alta, quando puder ser relacionada com a internação ou procedimentos hospitalares.

2. Critérios para diagnóstico de infecção hospitalar, previamente estabelecidos e descritos.

2.1 Princípios:

2.1.1 o diagnóstico das infecções hospitalares deverá valorizar informações oriundas de:

2.1.1.1 evidência clínica, derivada da observação direta do paciente ou da análise de seu prontuário;

2.1.1.2 resultados de exames de laboratório, ressaltando-se os exames microbiológicos, a pesquisa de antígenos, anticorpos e métodos de visualização realizados.

2.1.1.3 evidências de estudos com métodos de imagem;

2.1.1.4 endoscopia;

2.1.1.5 biópsia e outros.

2.2 Critérios gerais:

2.2.1 quando, na mesma topografia em que foi diagnosticada infecção comunitária, foi isolado um germe diferente, seguido do agravamento das condições clínicas do paciente, o caso deverá ser considerado como infecção hospitalar;

2.2.2 quando se desconhecer o período de incubação do microrganismo e não houver evidência clínica e/ou dado laboratorial de infecção no momento da

internação, convencionam-se infecção hospitalar toda manifestação clínica de infecção que se apresente a partir de 72 (setenta e duas) horas após a admissão;

2.2.3 são também convencionadas infecções hospitalares aquelas manifestadas antes de 72 (setenta e duas) horas da internação, quando associadas a procedimentos diagnósticos e/ou terapêuticos, realizados durante este período;

2.2.4 as infecções recém-nascido são hospitalares, com exceção das transmitidas de forma transplacentária e aquelas associadas a bolsa rota superior a 24 (vinte e quatro) horas;

2.2.5 os pacientes provenientes de outro hospital que se internam com infecção, são considerados portadores de infecção hospitalar do hospital de origem infecção hospitalar. Nestes casos, a Coordenação Estadual/Distrital/Municipal e/ou o hospital de origem deverão ser informados para computar o episódio como infecção hospitalar naquele hospital.

3. Classificação das cirurgias por potencial de contaminação da incisão cirúrgica

3.1 as infecções pós-cirúrgicas devem ser analisadas conforme o potencial de contaminação da ferida cirúrgica, entendido como o número de microrganismos presentes no tecido a ser operado;

3.2 a classificação das cirurgias deverá ser feita no final do ato cirúrgico, pelo cirurgião, de acordo com as seguintes indicações;

3.2.1 Cirurgias Limpas - são aquelas realizadas em tecidos estéreis ou passíveis de descontaminação, na ausência de processo infeccioso e inflamatório local ou falhas técnicas grosseiras, cirurgias eletivas com cicatrização de primeira intenção e sem drenagem aberta. Cirurgias em que não ocorrem penetração nos tratos digestivos, respiratório ou urinário;

3.2.2 Cirurgias Potencialmente Contaminadas - são aquelas realizadas em tecidos colonizados por flora microbiana pouco numerosa ou em tecidos de difícil descontaminação, na ausência de processo infeccioso e inflamatório e com falhas técnicas discretas no trans-operatório. Cirurgias com drenagem aberta enquadram-se nesta categoria. Ocorre penetração nos tratos digestivos, respiratório ou urinário sem contaminação significativa.

3.2.3 Cirurgias Contaminadas - são aquelas realizadas em tecidos recentemente traumatizados e abertos, colonizados por flora bacteriana abundante, cuja descontaminação seja difícil ou impossível, bem como todas aquelas em que tenham ocorrido falhas técnicas grosseiras, na ausência de supuração local. Na

presença de inflamação aguda na incisão e cicatrização de segunda intenção, ou grande contaminação a partir do tubo digestivo. Obstrução biliar ou urinária também se incluem nesta categoria.

3.2.4 Cirurgias Infectadas - são todas as intervenções cirúrgicas realizadas em qualquer tecido ou órgão, em presença de processo infeccioso (supuração local) e/ou tecido necrótico.

ANEXO III

VIGILÂNCIA EPIDEMIOLÓGICA E INDICADORES EPIDEMIOLÓGICOS DAS INFECÇÕES HOSPITALARES

1. Vigilância Epidemiológica das infecções hospitalares é a observação ativa, sistemática e contínua de sua ocorrência e de sua distribuição entre pacientes, hospitalizados ou não, e dos eventos e condições que afetam o risco de sua ocorrência, com vistas à execução oportuna das ações de prevenção e controle.

2. A CCIH deverá escolher o método de Vigilância Epidemiológica mais adequado às características do hospital, à estrutura de pessoal e à natureza do risco da assistência, com base em critérios de magnitude, gravidade, redutibilidade das taxas ou custo;

2.1 São indicados os métodos prospectivos, retrospectivos e transversais, visando determinar taxas de incidência ou prevalência.

3. São recomendados os métodos de busca ativos de coleta de dados para Vigilância Epidemiológica das infecções hospitalares.

4. Todas as alterações de comportamento epidemiológico deverão ser objeto de investigação epidemiológica específica.

5. Os indicadores mais importantes a serem obtidos e analisados periodicamente no hospital e, especialmente, nos serviços de Berçário de Alto Risco, UTI (adulto/pediátrica/neonatal) Queimados, são;

5.1 Taxa de Infecção Hospitalar, calculada tomando como numerador o número de episódios de infecção hospitalar no período considerado e como denominados o total de saídas (altas, óbitos e transferências) ou entradas no mesmo período;

5.2 Taxa de Pacientes com Infecção Hospitalar, calculada tomando como numerador o número de doentes que apresentam infecção hospitalar no período

considerado, e como denominador o total de saídas (altas, óbitos e transferências) ou entradas no período;

5.3 Distribuição Percentual das Infecções Hospitalares por localização topográfica no paciente, calculada tendo como numerador o número de episódios de infecção hospitalar em cada topografia, no período considerado e como denominador o número total de episódios de infecção hospitalar ocorridos no período;

5.4 Taxa de Infecções Hospitalares por Procedimento, calculada tendo como numerador o número de pacientes submetidos a um procedimento de risco que desenvolveram infecção hospitalar e como denominador o total de pacientes submetidos a este tipo de procedimento.

Exemplos:

Taxa de infecção do sítio cirúrgico, de acordo com o potencial de contaminação.

Taxa de infecção urinária após cateterismo vesical.

Taxa de pneumonia após uso de respirador.

5.5 Recomenda-se que os indicadores epidemiológicos dos números 5.1 e 5.2 sejam calculados utilizando-se no denominador o total de pacientes dia, no período.

5.5.1. O número de pacientes dia é obtido somando-se os dias totais de permanência de todos os pacientes no período considerado.

5.6 Recomenda-se que o indicador do número 5.4 pode ser calculado utilizando-se como denominador o número total de procedimentos dia.

5.6.1. O número de pacientes dia é obtido somando-se o total de dias de permanência do procedimento realizado no período considerado.

5.7. outros procedimentos de risco poderão ser avaliados, sempre que a ocorrência respectiva o indicar, da mesma forma que é de utilidade o levantamento das taxas de infecção do sítio cirúrgico, por cirurgião e por especialidade.

5.8 Frequência das Infecções Hospitalares por Microrganismos ou por etiologia, calculada tendo como numerador o número de episódios de infecção hospitalar por microrganismo e como denominador o número de episódios de infecções hospitalares que ocorreram no período considerado.

5.9 Coeficiente de Sensibilidade aos Antimicrobianos, calculado tendo como numerador o número de cepas bacterianas de um determinado microrganismo sensível e determinado antimicrobiano e como denominador o número total de cepas testadas do mesmo agente com antibiograma realizado a partir das espécimes encontradas.

5.10. Indicadores de uso de antimicrobianos.

5.10.1 Percentual de pacientes que usaram antimicrobianos (uso profilático ou terapêutico) no período considerado. Pode ser especificado por clínica de internação. É calculado tendo como numerador o total de pacientes em uso de antimicrobiano e como denominador o número total de pacientes no período.

5.10.2 Frequência com que cada antimicrobiano é empregado em relação aos demais, É calculada tendo como numerador o total de tratamentos iniciados com determinado antimicrobiano no período, e como denominador o total de tratamentos com antimicrobianos iniciados no mesmo período.

5.11 Taxa de letalidade associada a infecção hospitalar, é calculada tendo como numerador o número de óbitos ocorridos de pacientes com infecção hospitalar no período considerado, e como denominador o número de pacientes que desenvolveram infecção hospitalar no período.

5.12 Consideram-se obrigatórias as informações relativas aos indicadores epidemiológicos 5.1, 5.2, 5.3 e 5.11, no mínimo com relação aos serviços de Berçário de alto risco, UTI (adulto/ pediátrica/neonatal) e queimados.

6. Relatórios e Notificações

6.1 A CCIH deverá elaborar periodicamente um relatório com os indicadores epidemiológicos interpretados e analisados. Esse relatório deverá ser divulgado a todos os serviços e à direção, promovendo-se seu debate na comunidade hospitalar.

6.2 O relatório deverá conter informações sobre o nível endêmico das infecções hospitalares sob vigilância e as alterações de comportamento epidemiológico detectadas, bem como as medidas de controle adotadas e os resultados obtidos.

6.3 É desejável que cada cirurgião receba, anualmente, relatório com as taxas de infecção em cirurgias limpas referentes às suas atividades, e a taxa média de infecção de cirurgias limpas entre pacientes de outros cirurgiões de mesma especialidade ou equivalente.

6.4 O relatório de vigilância epidemiológica e os relatórios de investigações epidemiológicas deverão ser enviados às Coordenações Estaduais/ Distrital/Municipais e à Coordenação de Controle de Infecção Hospitalar do Ministério da Saúde, conforme as normas específicas das referidas Coordenações.

Programa de Controle de Infecção Hospitalar

ANEXO IV

LAVAGEM DAS MÃOS

1. Lavagem das mãos é a fricção manual vigorosa de toda a superfície das mãos e punhos, utilizando-se sabão/detergente, seguida de enxágüe abundante em água corrente.

2. A lavagem das mãos é, isoladamente, a ação mais importante para a prevenção e controle das infecções hospitalares.

3. O uso de luvas não dispensa a lavagem das mãos antes e após contatos que envolvam mucosas, sangue ou outros fluidos corpóreos, secreções ou excreções.

4. A lavagem das mãos deve ser realizada tantas vezes quanto necessária, durante a assistência a um único paciente, sempre que envolver contato com diversos sítios corporais, entre cada uma das atividades.

4.1 A lavagem e anti-sepsia cirúrgica das mãos é realizada sempre antes dos procedimentos cirúrgicos.

5. A decisão para a lavagem das mãos com uso de anti-séptico deve considerar o tipo de contato, o grau de contaminação, as condições do paciente e o procedimento a ser realizado.

5.1 A lavagem das mãos com anti-séptico é recomendada em;

realização de procedimentos invasivos;

prestação de cuidados a pacientes críticos;

contato direto com feridas e/ou dispositivos, tais como cateteres e drenos.

6. Devem ser empregadas medidas e recursos com o objetivo de incorporar a prática da lavagem das mãos em todos os níveis de assistência hospitalar.

6.1 A distribuição e a localização de unidades ou pias para lavagem das mãos, de forma a atender à necessidade nas diversas áreas hospitalares, além da presença dos produtos, é fundamental para a obrigatoriedade da prática.

Programa de Controle de Infecção Hospitalar

ANEXO V

RECOMENDAÇÕES GERAIS.

1 A utilização dos anti-sépticos, desinfetantes e esterilizantes seguirá as determinações da Portaria nº 15, de 23 de agosto de 1988, da Secretaria de Vigilância Sanitária (SVS)/ do Ministério da Saúde e o Processamento de Artigos e Superfícies em Estabelecimentos de Saúde/MS, 2ª edição, 1994, ou outras que as complementem ou substituam.

1.1 Não são recomendadas, para a finalidade de anti-sepsia, as formulações contendo mercuriais orgânicos, acetona, quaternário de amônio, líquido de Dakin, éter e clorofórmio.

2. As normas de limpeza, desinfecção e esterilização são aquelas definidas pela publicação do Ministério da Saúde, Processamento de Artigos e Superfícies em Estabelecimentos de Saúde, 2ª edição, 1994 - princípios ativos liberados conforme os definidos pela Portaria nº 15, SVS, de 23 de agosto de 1988, ou outras que a complementem ou substituam.

3. As normas de procedimentos na área de Microbiologia são aquelas definidas pela publicação do Ministério da Saúde - Manual de Procedimentos Básicos em Microbiologia Clínica para o Controle de Infecção Hospitalar, 1ª edição, 1991, ou outras que as complementem ou substituam.

4. As normas para lavanderia são aquelas definidas pela publicação do Ministério da Saúde - Manual de Lavanderia Hospitalar, 1ª edição, 1986, ou outras que as complementem ou substituam.

5. A Farmácia Hospitalar seguirá as orientações contidas na publicação do Ministério da Saúde - Guia Básico para a Farmácia Hospitalar, 1ª edição, 1994, ou outras que as complementem ou substituam.

(Of. nº 31/98)

2. Repercussões da Portaria MS 2.616 / 98 para o controle de infecções

A Portaria 2.616/98 representou a adequação da antiga regulamentação ministerial às novas determinações da Lei Federal 9.431 de 06 de janeiro de 1997. A partir de um projeto de lei que aperfeiçoava a Portaria MS 930/ 92, esta lei, aprovada pelo Congresso, foi vetada em vários de seus artigos, causando um profundo impacto negativo, principalmente diante dos profissionais, que de alguma forma atuavam no controle efetivo das infecções hospitalares. Apesar da controvérsia instalada, a referida lei teve como aspecto positivo a destacar ter tornado obrigatória a existência de uma Comissão de Controle de Infecção Hospitalar (CCIH) e de um Programa de Controle de Infecções Hospitalares (PCIH), definido como um conjunto de ações desenvolvidas deliberada e sistematicamente, tendo como objetivo a redução máxima possível da incidência e gravidade das infecções nosocomiais.

Como as portarias anteriores, a 2.616/98 é composta por cinco anexos com as diretrizes e normas para a prevenção e o controle das infecções hospitalares. O

anexo I trata da organização e competências do programa e da comissão de controle de infecção. No anexo II temos conceito e critérios diagnósticos das infecções hospitalares; no anexo III temos orientações sobre a vigilância epidemiológica das infecções hospitalares e seus indicadores; nos anexos IV e V observamos recomendações sobre a lavagem das mãos e outros temas como uso de germicidas, microbiologia, lavanderia e farmácia, dando ênfase à observância de publicações anteriores do Ministério da Saúde.

O anexo I mantém as definições da CCIH e PCIH da Lei Federal. Há uma melhor especificação da composição da CCIH, que deverá ter seus membros formalmente designados pela direção do hospital, incluindo seu presidente, que fará obrigatoriamente parte do conselho diretivo da instituição. Os membros são divididos em consultores e executores, sendo estes últimos encarregados da execução do PCIH, representando o ex- Serviço de Controle de Infecção Hospitalar (SCIH). Uma importante novidade é que a sua composição deve ser informada ao órgão oficial municipal ou estadual.

Na composição deste serviço observamos uma importante alteração, ao recomendar preferentemente um enfermeiro e que o segundo profissional de nível superior não seja necessariamente um médico. À carga horária recomendada anteriormente (6 horas diárias para o enfermeiro e 4 horas diárias para o outro profissional, para cada 200 leitos) foram acrescidas duas horas adicionais de trabalho diário para cada 10 leitos des-tinados aos pacientes críticos (terapia intensiva, berçário de alto risco, queimados, transplante de órgãos, pacientes hemato-oncológicos ou com AIDS). Isto parte do princípio que a vigilância e as medidas de controle nestas unidades requerem atenção diferenciada. Entretanto, esta composição deve acompanhar a política de recursos humanos do hospital como um todo, particularmente nas instituições com deficiências de pessoal em outras áreas essenciais do atendimento.

A competência da CCIH na Portaria 2616/98 é uma somatória do que foi atribuído à CCIH e ao SCIH na recomendação anterior, acrescidas de novas e importantes determinações, de acordo com as características e necessidades da instituição. Dentre estas destacam-se: o uso racional de antimicrobianos, germicidas e materiais médico-hospitalares. Além disso, em conjunto com a Comissão de Farmácia e Terapêutica, deve definir uma política de utilização de antimicrobianos e na ausência de um núcleo de epidemiologia deve informar às autoridades sanitárias, os casos

diagnosticados ou suspeitos de doenças de notificação compulsória, relatar as informações epidemiológicas solicitadas e os casos suspeitos de estarem relacionados à utilização de insumos ou produtos industrializados. Estas novas recomendações objetivam tornar mais atuante as ações de controle de infecção, integrando-as na estrutura administrativa da instituição, substituindo seu papel eminentemente consultivo para participar com maior profundidade dos processos decisórios. Além disso, aprimora a integração do controle de infecção com as autoridades sanitárias.

Outro aspecto importante introduzido por esta nova portaria é a atribuição de competências específicas ao Estado, seja a nível federal, estadual ou municipal. Para a Coordenação de Controle de Infecção Hospitalar do Ministério da Saúde ficou a definição das diretrizes e sua coordenação geral, apoiando a descentralização das ações, estabelecendo as normas, critérios, parâmetros e métodos para o controle de infecções. É deste nível a responsabilidade para promover a articulação com órgãos formadores, para a difusão do conhecimento do controle de infecções, cooperando com a capacitação dos profissionais de saúde, identificando serviços de referência. Destacamos que muitas destas atividades, mesmo sem estar formalmente estabelecidas, já foram desenvolvidas pelo Ministério da Saúde, mas depois foram inexplicavelmente abandonadas.

Além disto, o Ministério da Saúde, através da Secretaria de Política de Saúde e da Coordenação de Controle de Infecção Hospitalar, deve cooperar técnica, política e financeiramente com as ações desenvolvidas pelos Estados e Municípios, acompanhando e avaliando-as, procurando estabelecer um sistema nacional sobre infecção hospitalar, divulgando indicadores da sua magnitude, gravidade e qualidade das ações de controle. Assim os dados seriam coletados regionalmente e encaminhados ao Ministério da Saúde para uma consolidação de caráter nacional. Logo, compete às coordenações Estaduais e Municipais definir as normas locais, descentralizando efetivamente as ações, prestando apoio técnico, financeiro e político aos municípios, acompanhando, avaliando e divulgando os indicadores epidemiológicos de infecção hospitalar, além de informá-los periodicamente ao Ministério da Saúde. Para os municípios cabe adicionalmente acompanhar os hospitais nas ações de controle de infecção, prestando apoio técnico à sua execução.

De acordo com o que foi noticiado pela imprensa leiga, existe uma tendência a se tornar as infecções hospitalares uma doença de notificação compulsória. Apesar da importância inquestionável de termos dados nacionais a respeito deste problema de saúde pública, esta medida deve ser repensada, tendo em vista o questionável valor prático de sua implantação neste moldes e principalmente das possíveis repercussões no atendimento à saúde, particularmente para os que são assistidos pela iniciativa privada, onde muitas vezes as patologias de notificação compulsória não são cobertas pela preestabelecida abrangência contratual de assistência. Assim tememos as sérias conseqüências para cada um destes pacientes, que ficariam a mercê de seus próprios recursos, de eventuais demandas jurídicas contra os hospitais ou seus convênios, ou estariam sobrecarregando o sistema público de atendimento, como já acontece com a maioria das doenças que atualmente são de notificação compulsória. Ao nosso ver, seria preferível que as instituições fossem efetivamente obrigadas a notificar periodicamente seus indicadores epidemiológicos de infecção hospitalar e estes dados seriam consolidados em um sistema de vigilância epidemiológica, como aliás está recomendado atualmente.

Os critérios diagnósticos de infecção hospitalar, discutidos no anexo II, sofreram uma importante alteração no que refere à classificação das infecções em recém-nascidos. Assim, passaram a ser consideradas comunitárias, além das transmitidas de forma trans-placentária, aquelas associadas à bolsa rota por período superior a 24 horas. Outro ponto enfatizado é a necessidade de se informar os casos de IH adquiridas em outro hospital à Coordenação Estadual/Distrital/Municipal ou à instituição de origem.

Este mesmo anexo apresenta uma classificação das cirurgias por potencial de contaminação, que, de acordo com sua recomendação, deverá ser feita pelo cirurgião, ao final do ato operatório. Basicamente, o princípio que norteia estes critérios, coincide com o exposto no decorrer deste livro, ou seja o intra-operatório determina a classificação e não mais aquelas “famosas” listas de procedimentos, que classificavam-no arbitrariamente e previamente. Assim, as cirurgias limpas são as realizadas sem intercorrências em tecidos estéreis. As operações potencialmente contaminadas ocorrem em tecidos colonizados com flora pouco numerosa e em tecidos estéreis mas com falhas técnicas discretas ou drenagem. Os procedimentos contaminados são executados nos casos de tecidos recentemente traumatizados ou abertos, falhas técnicas grosseiras, inflamação aguda, cicatrização em segundo

intenção, ou em locais com flora bacteriana abundante. Finalmente, as cirurgias infectadas são aquelas realizadas em presença de supuração ou necrose.

No anexo III, o conceito de vigilância epidemiológica das infecções hospitalares determina a observação ativa, sistemática e contínua da sua distribuição e dos eventos e condições que afetam sua ocorrência. Inclui também a possibilidade de avaliar pacientes não hospitalizados, nos métodos de vigilância pós alta e principalmente que as atividades devem ser realizadas “com vistas à execução oportuna das ações de prevenção e controle”, ou seja a consolidação e interpretação dos dados deve ser ágil, indicando rapidamente as prioridades das ações de controle, possibilitando resultados práticos desta atividade. Permanece a recomendação pelos métodos ativos de vigilância, que deverão ser adequados às características do hospital. Foi introduzida também a possibilidade de realizar o método apenas em determinados setores do hospital, de acordo com as opções desenvolvidas pelos componentes da metodologia NNIS.

É obrigatório pelo menos o cálculo da taxa de infecção hospitalar; taxa de pacientes com infecção hospitalar; distribuição percentual dos episódios de IH; e a taxa de letalidade associada a infecção hospitalar. Os dois primeiros podem ser obtidos em relação ao total de diárias (pacientes-dia) e não apenas em relação às saídas, calculando-se assim a taxa de densidade, que melhor reflete a exposição dos doentes a estes episódios. É recomendado que a frequência das infecções por microorganismos seja calculada a partir do número de episódios de infecção hospitalar e não pelo total de agentes isolados, caso em que obtemos a sua distribuição. É sugerido que o dimensionamento do consumo de antibióticos seja feito através do cálculo do percentual de pacientes que utilizaram estas drogas e pela frequência relativa do emprego de cada princípio ativo. Ressaltamos que o cálculo da Dose Diária Definida, recomendada pelo Manual de Farmácia Hospitalar editado pelo próprio Ministério da Saúde, é um melhor indicador da utilização destas drogas.

O anexo IV é dedicado especificamente à lavagem das mãos, identificada como a mais importante ação para o controle das infecções hospitalares, devendo ser realizada após contatos que envolvam mucosas, secreções, excretas e sangue ou outros fluídos corpóreos. Mesmo na assistência a um único paciente ela deve ser realizada sempre que envolver a manipulação de um outro sítio corporal. Adicionalmente é recomendada a lavagem com anti-sépticos na realização de

procedimentos invasivos, prestação de cuidados a doentes críticos e no contato direto com feridas ou dispositivos invasivos como catéteres e drenos. Por sua vez, o anexo V trás recomendações gerais sobre o uso de germicidas (mantendo a proibição do emprego de vários anti-séptico tradicionais), normas para limpeza, desinfecção e esterilização, além de orientações para os procedimentos na área de microbiologia, lavanderia e farmácia, sempre recomendando o seguimento das orientações definidas em portarias e normas previamente elaboradas pelo Ministério da Saúde.

REFERÊNCIAS

AGUIAR, B. G. et al. **Infecções Hospitalares: questões de saúde pública e enfermagem**. In: FINQUEIREDO, N. M. A. (Org.). Ensinando a Cuidar em Saúde Pública. Especial Ed. São Caetano do Sul: Yendis, 2007. Cap. 4. p. 371-391.

BARRETO, R.A.S.S. **Higienização das mãos: a adesão entre os profissionais de enfermagem da sala de recuperação pós-anestésica**. Rev. Eletr. Enf. v.11, no2, p.334-340 2009. Disponível em <<http://www.fen.ufg.br/revista/v11/n2/v11n2a14.htm>> Acesso em 02 out 2010.

BOLICK, D. et al. **Infecção e Controle de Infecção**. Tradução de COSENDEY, C. H.. Rio de Janeiro: Reichaman & Affonso Editores, 2002.

BRASIL. Ministério da Saúde **Portaria nº 930, de 27 de agosto de 1992**. Brasília.

BRASIL. **Portaria Nº 2.616, de 12 de maio de 1998**. Normas para o Programa de Controle da Infecção Hospitalar. D.O.U., 13 de maio de 1998.

CASTRO, P.T.O. **Fatores de risco para infecção do sítio cirúrgico em cirurgias oncológicas do aparelho digestório no Hospital do Câncer em Barretos**. Ribeirão Preto. 2009. Disponível em <http://www.fmrp.usp.br/revista/2001/vol34n2/estudo_historico_organizacional.pdf> acesso em 02 set. 2010.

KUNZLE, S.R.M. et al. **Auxiliares e técnicos de enfermagem e controle de infecção hospitalar em centro cirúrgico: mitos e verdades**. Rev.esc. Enfermagem. USP São Paulo, vol.40, no.2, Jun.2002: Disponível em <<http://www.scielo.br/scielo.php?script=sciarttest&pid=S008062342002000200011&lang=pt>> Acesso em 02 de abr. de 2010.

MACEDO, J. et al. **Perspectivas no controle da infecção hospitalar**. J. Pediatr. Porto Alegre, vol.79, no.3, Mai./Jun. 2003: Disponível em <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0021-75572003000300016&lang=pt> Acesso em 26 abr. de 2010.

MORIYA, T. **Assepsia e antissepsia: técnicas de esterilização**. Ribeirão Preto, 2008. Disponível em <http://www.fmrp.usp.br/revista/2008/VOL41N3/SIMP_3Assepsia_e_antissepsia.pdf> Acesso em 30 out 2010.

MOURA, M. E. et al. **Infecção hospitalar no olhar de enfermeiros portugueses: representações sociais**. Texto contexto – enferm., dez 2008, vol. 17, no. 4, p. 743-749. ISSN 0104-0707: Disponível em <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-07072008000400016&lang=pt> Acesso em 20 de abr. de 2010.

NEVES, Z.C.P. **Rev. Eletr. Enf.** v.11, no3, p.738-745 2009. Disponível em: <http://www.fen.ufg.br/revista/v11/n3/v11n3a35.htm>. Acesso em 02 set 2010.

OLIVEIRA, A.C. **Precauções de contato em Unidade de Terapia Intensiva: Fatores facilitadores e dificultadores para adesão dos profissionais**. Rev. esc. enferm. São Paulo, vol.44, no.1, Mar.2010. Disponível em <http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0080-62342010000100023&script=sci_arttext> Acesso em 15 set. de 2010.

PEREIRA, M. S. et al. **A infecção hospitalar e suas implicações para o cuidar da enfermagem**. Texto contexto – enferm., Jun 2005, vol. 14, p. 250-257. ISSN 0104-0707: Disponível em <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-07072005000200013&lang=pt> Acesso em 30 de mar. de 2010.

PROVEDA, V.B. et al. **Análise dos fatores de risco relacionados à incidência de infecção de sítio cirúrgico em gastrocirurgias**. Rev.esc.enferm. SAP Paulo, v.37, n.1. 2003. Disponível em <http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0080-62342003000100010&script=sci_arttext&lng=pt> acesso em 30 set. de 2010.

SANTOS, A.M.R. et al. **As representações sociais da infecção hospitalar elaboradas por profissionais de enfermagem**. Rev. bras. enferm. Brasília, vol.61, no.4, Jul/Ago. 2008: Disponível em <http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0034-71672008000400007&script=sci_arttext> Acesso em 10 de ago. 2010.

SILVA, M.F.I. **Estudo histórico-organizacional da comissão de controle de infecção hospitalar de um hospital universitário**. Ribeirão Preto no.34: p.170-176, abr./jun. 2001. Disponível em <http://www.fmrp.usp.br/revista/2001/vol34n2/estudo_historico_organizacional.pdf> Acesso em 15 de set 2010.

SOUZA, C.M.M. et al. **Os direitos dos usuários da saúde em casos de infecção hospitalar**. Rev. bras. enferm. Brasília, v.61, no.4, Jul./Ago.2008: Disponível em <<http://www.scielo.br.php?script=sciarttextt&pid=S003471672007000400013&Lang=>> Acesso em 20 de abr. de 2010.

TURRINI, R.N.T. **Infecção hospitalar e causas múltiplas de morte**. Rev. Esc. Enferm. USP São Paulo, vol.36, no.2, Jun. 2002: Disponível em <<http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci&pid=S0080-623442002000200011&lang=pt>> Acesso em 02 abr. de 2010.

WALDER, J.F.A. **Microrganismos patogênicos de importância nos alimentos**. Piracicaba.2006.

ZORZE, C.M.F.S. et al. **Biossegurança em Enfermagem**. In: **MURTA, G.F. (Org)**. Saberes e Práticas: guia de ensino e aprendizado de enfermagem.4ed. São Caetano do Sul: Difusão 2008. v.1, cap.3 p.155-172.